

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesense: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

## Triunfo das esquerdas

Os leitores da imprensa diária já não guardam ilusões sobre a autenticidade desta verdade. Pelo mundo fora, em todos os departamentos da terra, em todas as nacionalidades do Globo, se encaminham as sociedades para o ápice da sua ideologia. O triunfo é decisivo, rápido, coerente. E—para maior orgulho da doutrina vencedora—verificamos com enlêvo que essa vitória repetida, inevitável, se dá sem a intervenção das armas, sem o recurso da violência. O voto, simplesmente o voto dos cidadãos, faz o prodígio. O perigo comunista não existe à quem das fronteiras russas. Nem o fascismo, tão parvoescamente imitado em certas regiões, à quem das italianas.

Porque—como bem diz o sr. Dr. Marques Guedes—os dois regimes são exclusivos estritos dos respectivos países. Não são mercadorias de exportação.

Além de que, e segundo um distinto ideologista do «Povo de Aveiro», podem resultar dessas situações políticas, aparentemente inversas ao Democratismo do Ocidente, uma ressurreição perfeita da Democracia. Porque na alma do povo lateja, num anseio eterno, a sede da Liberdade.

E esta, ousando insinuar-se com magia no nosso espírito, triunfa sempre: *tarde ou cedo, agora ou logo, depressa ou devagar*. Mas o triunfo é decisivo, por vezes rápido e sempre coerente.

Ninguém ignora que o mundo está atravessando a *hora das esquerdas*, isto é: vivemos o período histórico das transformações governativas dos velhos sistemas que ainda, como fantasmas quasi medievalistas, se erguem cambaleantes. De toda a parte se chocam os telegramas, anunciando a vitória da civilização. Os Governos procuram evitar o *embate dos Estados com os Povos*, entrando sem violência nem subterfúgios, no campo da Democracia; que é—para melhor a definirmos—um Regime de evolução: uma evolução cujo horizonte é a perfeição instituída legalmente.

Ainda no último ano assistimos, desta outra margem do Atlântico, às intermináveis lutas internas de quasi todos os países da América do Sul. Até em vários pontos da Central. E há pouco, sem um tiro de espingarda nem uma cutilada de sabre, fez-se—por via do sufrágio—a revolução espanhola.

—Que resultado de tanta eferescência? Nada mais que a vitória das esquerdas. Esta vitória acentuada que tanto parece enervar a nossa reacção!

E na Europa inteira, em todos os mais remotos Estados europeus, se tende para a esquerda. E' que as ideias avançadas sem máscara nem biombo, procuram atingir o mesmo alvo.

Nós sentimos já o vivo fulgor da luz ácida que promete rasgar o nevoeiro denso que nos envolve, dissipar a treva, os últimos farapos de treva, que ainda obscurece a humanidade. O sintoma mais veemente, desta alusão ris-

## MÁSCARA EM TERRA!...

Os recentes acontecimentos de Espanha vêm em abôno da nossa humilde opinião... quando aqui, neste mesmo lugar, esboçamos umas breves considerações à volta do "perigo comunista". Já então dissemos—pela voz desassombada de Alejandro Lerroux—que o tal perigo não passava dum espantinho agitado pelas falidas camarilhas monárquicas. Opiniões de tantos outros, igualmente ilustres, podíamos ter aduzido. Mas, para o insofismável da causa, bastou-nos aquele homem público do País vizinho.

Como fomos dizendo, os recentes acontecimentos de Espanha sugerem-nos um rosário de boas ilacções. Não é nosso propósito, entretanto, demorarmo-nos muito tempo apensos aos negócios económicos ou sociais da jóvem República Espanhola. Sômente o indispensável para castigar a intriga maldosa de certa Imprensa Portuguesa que—surpresa pelo instantâneo baque da realeza—se ergueu em grita, esvurmindo hipocrisia por todas as comissuras do seu já desconjuntado arcaboço.

"Iberismo,, aos tombos!

E comunismo a rodos!

E nós—os Republicanos de Portugal—estamos indicados para bodes expiatórios. Nós os culpados de tudo, etc.

De repente, e como que a partir os dentes de tantos trapaceiros, sucede que os monárquicos hespanhóis, mancomunados com elementos extremistas, entram de provocar a desordem sangrenta no seio daquela República, implantada sem "revanches,, pela segunda vez, segundo a vontade unânime de tão grande nação.

Acreditamos que os nossos reaccionários, entrincheirados na "Voz,, e outras lamparinas, se escusam agora à massada de evocar o perigo comunista. Agora que se entreabre, enfim, o jôgo dos monárquicos de além-fronteiras.

Alcalá Zamora—bem como todos os membros do actual Governo espanhol—está senhor do tenebroso plano, traçado em Paris por alguns monárquicos conluídos sob a chefia de Afonso XIII.

Daquele plano, que só permitia um mês de vida—afirmou-o um categorizado vulto da reacção caceteiresca de Espanha—à jóvem República, apesar de escolhida livremente pelo Povo.

Em seguida, e seguindo à risca o seu programa, atiravam com o País para "as garras do comunismo,, durante uns escassos quinze dias. O epílogo de todo êsse negro drama seria a contra-revolução do Exército para restaurar a monarquia.

E invocavam o perigo comunista!

Eles, que andavam de mãos dadas com os seus adeptos, para derrubar o produto de tanto esforço, o sacrifício de tantas gerações!

O incidente, que motivou os motins de Madrid, foi, até certo ponto, deveras providencial. Os monárquicos reunidos no "Centro,, em manifesta conspiração contra o novo Regime—responderam a tiro às manifestações da multidão, depois de haverem espancado um chauffeur que dava vivas à República. Descobriram-se perante o mundo. E os comunistas seriam "o seu joguete inconsciente,, para justificar, de certo modo, a tal restauração.

Foi o delírio!

A multidão, exasperada pelo perigo que julhou correr a sua República, percorreu em correria louca as ruas daquela capital, assaltando e incendiando conventos como que a salgar a sua dôr nos mais remotos inimigos da Liberdade. Em várias terras de Espanha houve repercussões tremendas. O Povo ululante, fremente, pediu justiça. E, das cadeiras do poder, ordenou o Governo Provisório o encerramento das fronteiras para capturar os inimigos da ordem. E o Povo continuou, na sua jornada de desafronta, linchando dois perturbadores monárquicos e incendiando casas religiosas. Lamentamos que a excitação popular inutilizasse por tão medonha queima, edificios que dariam boas Escolas.

A secção literária do Ateneu aprovou uma moção "pedindo a dissolução da guarda civil, demissão do ministro do interior e expulsão das ordens religiosas.

O Governo efectuou prisões.

Eis, em duas penadas, um nadinha do que aquilo foi.

E agora concluamos: os monárquicos atiravam para cima dos Republicanos com o labeu de comunistas, ocultando a sua manobra de traição.

E o acaso mostra-nos com eloquência que o perigo comunista—se existe—! é do lado dêles.

Como o "iberismo dos nossos..."

Que dizem os reaccionários portugueses a êste práctico desmentido?!

Mastigam, cogitam, embarrilam.

As frases, as calúnias, as intrigas, embolam-se-lhes na bôca.

Eis por terra a sua máscara!

Por terra os seus castelos...

E acabou-se o "perigo comunista,,!

H. BELÉM.

## O vampirismo

Por vezes nos esfalamos em imprecações contra a existência ignóbil dessas sombrias e raras constituições de homens que—guelas hiantes como fauces e olhos lampejantes como coriscos—atingem o delírio sensual na libação de sangue humano. Formam, na sua asquerosa aberração, um dos muitos aspectos da monstruosidade. De pequeninos, habituamo-nos à leitura—tantas vezes inquietante—de contos onde intervêm o vampiro sequioso e macabro. São contos, afinal, que a fantasia do narrador pinta convencionalmente. Que a sua imaginação enche de um cenário terrível para agitar aquilo que mais oculto existe na alma infantil. Geralmente, não passam de contos tôdas essas narrativas.

Mas, e como que a zombar da diversão livresca, ergue-se, de longe a longe, a imprensa do grande mundo em clamoroso protesto contra o aparecimento de um caso de "vampirismo". O vampiro é então apontado com horror. Lemos o seu nome em parangôna. E todos trememos de justa indignação, nos revoltamos e indispomos. A nossa alma *freme, brame, ulula*. São todos os sentimentos bons que se juntam em nós para clamar, com veemência, pela invulnerabilidade do homem diante do atentado do monstro. Corre agora na Alemanha o caso de Dusseldorf—o vampiro. Os nacionalistas dali—monárquicos confessos que lançam mão de todos os crimes para se disfarçarem—pedem, em altos berros, a execução do monstro.

Não comentamos esta atitude. Vamos antes completar o nosso pensamento à volta do tormentoso caso. A humanidade, toda a gente, não logra despertar espontaneamente do secular marasmo em que dormita. Quando mesmo parece mais atenta, ainda dorme, ainda não vê nem ouve o que devia ver e ouvir. Motiva-lhes esta cegueira e esta surdez o fraco pelas oportunidades. Assim, sucede que os homens—fundamente aterrados em presença de um bandido vulgar—não evitam que as suas veias sejam o sugador permanente de tantos insofribéis sequiosos do planeta. E nisto, ninguém veja ódio à sociedade de hoje. Nem um grito subversivo. Que nós apenas nos estiolamos em luta sem tréguas contra o outro "vampirismo", o que conseguiu acomodár-se habilmente entre nós, gozando tantos ou mais direitos do que a gente e mascando sôfregamente todo o oiro das nossas famílias. Esse—o mais perigoso dos vampirismos—ainda não foi repellido pelo homem. Nem tampouco descoberto. Porque uma parcela da humanidade ainda permanece na meninez da sua consciência. E o seu espírito nebuloso aceita, sem luta, os mais pasmosos disparates que os aventureiros se lembram de dizer-lhes. Assim houve «corôas por direito divino» e «fogueiras do santo officio».

Basta de comédia! Tudo tem

nha, está nas Academias. Nos Estudantes do Universo que se lhes abandonam. Que são Republicanos.

Viva a República!

Xyz.

Lêde e propagai «A Velha Guarda»

### As cascatas...

Com a aproximação das festas antoninas e sanjoaninas começa a praga das cascatinhas. Não se pode dar um passo que não apareça alguém a pedir o *meio tostãozinho* para a mesma.

Não se poderia obstar a isso?

Que diabo... Isto não só incomoda os habitantes desta cidade mas irrita os inúmeros forasteiros que por esta época nos costumam visitar.

Basta de tanta pedinçice...

FRATERNIDADE! Em homenagem

Como uma fonte, brotando a mais cristalina e pura das águas, serena e melodiosa, assim eu desejaria a vida humana.

Mas qual?! São batalhas ferozes e traiçoiras que, dia a dia, vêm desenvolvendo-se aos nossos olhos, já cansados de tanta imperfeição e de tanto ódio que se acumula, vesânico, terrível e mortífero sob a face serena e adorável do torção onde todos nós, humanos, nascemos.

E tudo porquê? Pela falta de uma unidade mundial de doutrina que, englobando e disciplinando todos povos do Universo, lhes dê uma coesão e unidade tão grande e os reúna num amoroso amplexo de fraternidade.

Não são utopias. Os povos caminham com passos firmes e serenos para a sua completa emancipação.

A vida mundial futura será melhor que a actual?

Sem dúvida! Nada há no mundo que possa entrar a marcha do progresso no sentido da vida social e política dos povos. A essência normal da doutrina pregada pelo sublime Jesus Cristo há-de sempre fructificar, embora pelos séculos fora tenha sido deturpada.

Para isso, Ele, como o maior e mais excelso dos apóstolos, morreu às mãos cruéis e sanguinárias dos reaccionários do seu tempo, expiando o crime de amar e querer redimir a humanidade.

Esse sangue derramado com a maior resignação, bondade e renúncia há-de agora germinar em alvoradas de luz, porque a doutrina do Mestre é a doutrina da Democracia, é aquela que ele apostolizou e pela qual subiu o Calvário e expirou na Cruz.

Eis, pois, o momento solene de a humanidade, — conturbada por tão fortes e violentos atritos, que sofre, que chora e quasi sucumbe ante o formidável prelúdio que se desenha no horizonte impenetrável e sombrio do Destino, — se levantar e, de frente erguida e de ânimo varonil, combater todas as prepotências, todos os arbitrios, e todas as tiranias, enfim, contra tudo que represente o cerceamento das prerogativas e direitos dos povos que querem ser livres e senhores dos seus destinos.

E era esta a doutrina do Divino Mestre. Sigamo-lo sem tergiversar, sem desfalecimentos. Sejamos assim cristãos.

E pela bondade e com o coração, preparemos um *amanhã* mais radioso, mais belo e mais humilde aos nossos filhos que deverão ser, num futuro próximo, os obreiros da ansiada União e Fraternidade de todos os povos do mundo.

Vivalho.

Será verdade?

Não podemos, por motivos de força maior, continuar a sua publicação.

No entanto, confirmamos tudo quanto aqui temos dito.

um grau de beleza quando não ultrapassa os seus limites.

O resto — que visa o lucro escandaloso através do exagêro — é vampirismo. Vampiros os que o praticam. E contra estes, o eterno flagelo do universo, não se levanta unânime a ira dos crentes!...

X. X. X.

A «Gazeta de Coimbra», publicação tri-semanal da Lusa-Atenas, inseria em 5 do corrente alguns primorosos artigos rendendo homenagem ao octogésimo aniversário de um illustre vimaranense que ali vive há longos anos.

Chama-se Hermano de Carvalho o illustre homenageado que sabemos ser um vigoroso jornalista e um espirito ainda scintillante. Formado em Teologia e Direito, o Dr. Hermano de Carvalho dedicou-se ao ensino com o acrisolado afan que raros sabem imprimir-lhe.

A propósito da homenagem, transcrevemos algumas frases de um artigo assinado pelo nosso amigo e correligionário sr. Ilídio Proença:

Humanista profundo, ensinando a lingua grega quando ella era professada no Liceu, a sua acção educadora reflecte-se ainda hoje por todo o país, tendo formado centenas de espiritos que brilham em todos os ramos da actividade politica e social.

Foi o fundador e proprietário do antigo *Imparcial de Coimbra*, onde, com superior critério e com a sua aguda intelligencia, tratava das mais variadas manifestações da sciencia, da philosophia, com aquella logica e com aquele brilho que imprimia nas suas lições.

E mais adiante:

Polémicas teve no seu *Imparcial* com Professores da extinta Faculdade de Teologia, alguns ainda hoje vivos; polémicas doutrinárias por vezes agudas mas, conservando sempre a sua inalterável serenidade, própria da deontologia profissional. Os seus antigos colegas do Liceu tinham igualmente por elle a mais elevada estima e consideração. Exerceu também, durante largos anos a advocacia em Coimbra e em diferentes comarcas do país; e sempre com o mesmo brilho e superior competência.

Ainda isto:

Fundou o «Núcleo da Liga Nacional de Instrução» em Coimbra; e amigo intimo, quasi irmão do sr. Dr. Bernardino Machado, fundou igualmente a «Cantina Escolar» que tinha o seu nome, e a quem, desta forma, desejou manifestar a homenagem do seu affecto e da sua admiração. Toda a sua vida, de sacrificio, de abnegação, de amor pelo seu semelhante, foi posta ao serviço da Instrução e da Liberdade.

E mais adiante:

O sr. dr. Hermano José Ferreira de Carvalho, descendente de liberaes, era filho do coronel Comendador José Ferreira de Carvalho, que se bateu nas campanhas da Liberdade e esteve 6 anos preso na torre de S. Julião da Barra, durante o govêrno de D. Miguel, e que, ferido gravemente na batalha de Zama (Espanha), veio a falecer aos 74 anos de idade.

E no jazigo da familia Ferreira de Carvalho, em Coimbra, lá se encontram esculpidas em duas estatuas as figuras simbolicas da Pátria e da Liberdade!

O Sr. Dr. Jerónimo Martins da Rocha, illustre Delegado do Procurador da Republica na comarca de Arcos de Valdevez, também escreveu um curto e insisivo artigo sobre o homenageado. Extrai-mos dele o que segue:

E' com a mais intensa satisfação que o digo: em 9 anos da minha vida profissional, por diferentes comarcas do país, tenho ouvido as mais gratas referências à sua excepcional intelligencia; ao seu saber, ao seu amor pelo ensino; e, principalmente, ao seu caracter, à sua bondade e ao seu amor pelos pobres e humilhes.

O Sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, Presidente muito illustre do Commissão Política do P. R. P. nesta cidade e nosso querido amigo, para manifestar de certo modo a enorme veneração em que tem o Sr. Dr. Hermano de Carvalho, escreveu também expressamente um formoso artigo para a «Gazeta de Coimbra». São desse artigo os recortes que seguem:

Admiro-o como professor, função que honrou como poucos, pelo seu saber que é imenso, pelo seu sistema de ensino que era um tormento para a nossa cabullice de rapazes, mas de que, mais tarde reconheciamos e colhíamos inestimáveis resultados, pela sua paixão, pela sociedade e pela cátedra, que só uma outra paixão no seu cultissimo es-

pírito iguala, a das flores que tão carinhosamente cultivou e, por certo, ainda cultivava, se as forças lho consentem.

E mais:

Inveja-lhe as suas qualidades de jornalista vigoroso e vernáculo, de polemi-  
sta contundente que, dentro duma correctissima compostura, esmagava o adversário numa argumentação cerrada que obedece sempre aos principios mais puros duma logica fulminante.

Mas, em face de meu tio dr. Hermano de Carvalho, mais do que o raciocínio frio da minha intelligencia, podem os impulsos do coração.

E mais:

Sei que a sua mais consoladora alegria é ver desenvolver-se nos seus discípulos o fruto das suas lições, constatando na grandeza por elles atingida o effeito da sua acção instrutiva e educadora.

O Sr. Hermano de Carvalho é tio dos nossos eminentes correligionários e grandes amigos, Srs. Drs. Mariano da Rocha Felgueiras e Jerónimo Martins da Rocha.

«A Velha Guarda» associa-se à justa homenagem. E, porque muitos vimaranenses ignoram certamente que ali, junto do Mondego, vive alguém que muito honra as galerias dos nossos homens de mérito, fazemo-lo enlevados por descerrarmos o cortinado. Hermano de Carvalho deve ser lembrado em Guimarães, porque é um bom pedaço da sua alma que em Coimbra vive.

Receba Sua Ex.<sup>a</sup> as saudações de «A Velha Guarda».

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Joia valiosa

A irmandade de Santo Antonio, desta cidade, anuncia para o dia 17 do corrente, o leilão da seguinte e preciosa joia, de que fala o documento abaixo:

No Inventário dos bens pertencentes ao extinto convento de S. Francisco de Guimarães, feito a 30 de Maio de 1834, existente na Repartição de Finanças do districto de Braga está descripto na secção Igreja, o seguinte:

Imagens: ... — S.<sup>to</sup> António; esta imagem tem um hábito de Christo, rico, que lhe deixou Nicolau da Costa Guimarães, fallecido no Rio de Janeiro, cuja verba do testamento é do teor seguinte: «Declaro que o meu testamenteiro remetterá um hábito de Christo grande do Pescoço, todo cravado de diamantes brilhantes que possuo de meu uso para a Villa de Guimarães para o Glorioso Santo Antonio que se acha no convento dos Religiosos de S. Francisco da mesma villa, com sua fita correspondente, a mesma cruz para se pôr no pescoço do mesmo Santo Antonio e na mesma imagem ser conservado, e o Reverendo Prelado que receber esta prenda dará quitação d'este recebimento obrigando-se n'ella com os mais Religiosos da Mesa do seu Definitório para nunca disporem da mesma cruz em quanto existir a mesma Gloriosa imagem tanto em seu convento como em outro para onde passe o mesmo santo». Declara-se que em virtude d'esta verba se recebeu o sobredito habito de Christo da mão de José Alves Pereira da Cunha Lago, da cidade do Porto, por ordem de seu correspondente o capitão João da Costa Lima, assistente no Rio de Janeiro e testamenteiro do dito fallecido.

J. L. de F.

Decorre hoje o 86.º aniversário da morte deste glorioso polígrafo, filho da vizinha vila de Ponte de Lima e que no dizer de Castilho, «foi o maior filósofo do século passado e um dos introdutores da liberdade em Portugal». Foi frade aos 14 anos, era aos 54 bispo de Coimbra, e aos 74 contra sua vontade, patriarca de Lisboa. Faleceu em 1845, com 79 anos, tendo sido cronista-mor da Ordem de S. Bento, cônego doutor em Teologia, reitor e reformador da Universidade de Coimbra, deputado da Nação, presidente da Câmara electiva, guarda-mor da Torre do Tombo, par do reino, ministro do reino, sócio da Academia das Sciencias, cardeal e militante nas lutas contra os francezes e na revolução de 1820, pertencendo à junta do govêrno do Porto. Membro da Maçonaria (só há pouco o soubemos), este eminente limiano soffreu com admirável valor as maiores agruras pelo seu liberalismo ardoroso. Possuindo todas as linguas cultas e até o Grego e o Hebraico, este autêntico sábio compoz inúmeros estudos e memórias, que se acham compilados na volumosa série das suas «Obras completas», prefaciadas pelo marquez de Rezende e publicadas pelo Pontelicense seu sobrinho, António Correia Caldeira. O cardeal Saraiva (Francisco Justiniano Saraiva) é uma das mais nobres figuras do Limianismo.

N. da R. — Publicamos este curioso documento por nêle acharmos — e a parte o principio religioso que não defendemos nem atacamos — a forma, pouco cristã, de estes irmandadeiros falsearem a vontade do morto.

Vem isto a titulo de curiosidade. Para variar...

Este número foi visado pela comissão de censura

Está parvo de todo!... João de Deus Pereira

O «vozeirão» do Soisa anda agora de bandeiras ás avessas com a Maçonaria. Olhar furibundo e vêsgo. O «gru» tremendo e irado.

Não sabemos que vêspa mordeu a biliosa derme do sujeito. Porque em tudo, absolutamente em tudo, vê a Maçonaria.

Se um barco se afunda em virtude da tempestade... é obra da Maçonaria! Se uma mulher é infeliz no parto... anda ali Maçonaria! Quem perder ao jogo da Lotaria... é por intrigas da Maçonaria! Quando o vento despeña uma casa, alaga um barraco e assola os campos... são manejos revolucionários da Maçonaria! O Etna, o Vesúbio, o Stropoli, os vulcões da Islândia, os da América, as agitações sísmicas do Japão e tudo o mais que significa força ou elementos subterrâneos em fúria... são ameaças maçônicas! A carestia da vida, o desemprego, a falta de leitores da Voz, a falência dos tartufos etc... devem-se a maquinações diabólicas da Maçonaria! Os terremotos, a vingança de Herodes, o segrêdo da Esfinge, a matança de S. Bartolomeu... um rodopio de coisas... tudo, enfim... foi obra da maçonica!

Aprê! Que injeccão!...

Mas então que trêta é essa? — Quem é, afinal, que pôs o Soisa a dizer tantas barbaridades? Querem ver que foi também a Maçonaria?!...

Está parvo de todo!...

Será possível?!...!

A quando da chegada a Lisboa das tropas que foram à Madeira combater os Revoltosos, disse o Sr. Lopes Mateus, Ministro do Interior, referindo-se à attitude da G. N. R. dentro da Metrópole:

«Aproveito o momento para felicitar mais uma vez o seu comandante sr. general Farinha Beirão que, tendo sido procurado para ser arrastado para a desordem, no 1.º de Maio, se manteve altivamente contra os desordeiros.

(Do Jornal «AVoz» de 11-5-931).

«Oferta»

Ao Padre Santa Cruz, enviamos esta transcrição da correspondência de Viana para «O Primeiro de Janeiro»:

Cardenal Saraiva

Decorre hoje o 86.º aniversário da morte deste glorioso polígrafo, filho da vizinha vila de Ponte de Lima e que no dizer de Castilho, «foi o maior filósofo do século passado e um dos introdutores da liberdade em Portugal».

Foi frade aos 14 anos, era aos 54 bispo de Coimbra, e aos 74 contra sua vontade, patriarca de Lisboa.

Faleceu em 1845, com 79 anos, tendo sido cronista-mor da Ordem de S. Bento, cônego doutor em Teologia, reitor e reformador da Universidade de Coimbra, deputado da Nação, presidente da Câmara electiva, guarda-mor da Torre do Tombo, par do reino, ministro do reino, sócio da Academia das Sciencias, cardeal e militante nas lutas contra os francezes e na revolução de 1820, pertencendo à junta do govêrno do Porto. Membro da Maçonaria (só há pouco o soubemos), este eminente limiano soffreu com admirável valor as maiores agruras pelo seu liberalismo ardoroso.

Possuindo todas as linguas cultas e até o Grego e o Hebraico, este autêntico sábio compoz inúmeros estudos e memórias, que se acham compilados na volumosa série das suas «Obras completas», prefaciadas pelo marquez de Rezende e publicadas pelo Pontelicense seu sobrinho, António Correia Caldeira.

O cardeal Saraiva (Francisco Justiniano Saraiva) é uma das mais nobres figuras do Limianismo.

Aí fica matéria para uma grande meditação. Que o Padre Santa Cruz, um pigmeu à beira deste seu maior, aproveite algum ensinamento para amenisar a aridez do seu rude coração.

Não porque eu seja sufficiente para biografiar este apóstolo benemérito da instrução particular, mas pela muita amizade e veneração que lhe tributo, apenas tive conhecimento da justa homenagem que em breve lhe vai ser prestada pelos seus antigos alunos. Felizmente que assim também tenho ensejo de lhe poder pagar uma dívida de gratidão pela leal amizade que sempre me dispensou e de patentear-lhe publicamente a estima e consideração que lhe consagro. João de Deus possui um coração patriota de verdadeiro Vimaranense, sempre aberto à generosidade e filantropia, franco e leal, cheio de abnegação e de acrisolado amor paternal pelo ensino dos petizes. A sua pena está sempre à disposição dos que sofrem, atendendo proviamente a tudo e a todos, não impulsionado pelo lucro monetário que auferem como correspondente do «Janeiro» mas pelos sentimentos que inalteram a sua alma. E' daqueles de esforço supremo e dedicação invulgar. Honrado e trabalhador, como tem sido, é pobre e pobre morrerá, porque nada tem de comum com a avareza e o egoísmo, qualidades incompatíveis com a nobre e generosa prodigalidade do seu caracter. Desde moço que se dedicou aos combates e asperzeas de condição para educar, fructo da sua labutação constante, sem que a sorte se lhe mostrasse fagueira, como era de esperar, já pela sua intelligencia, já pela energia e força de vontade que sempre desenvolveu em todos os seus empreendimentos. Lançar um apêlo sincero à multidão de alunos do antigo professor, no sentido de fomentar o engrandecimento pecuniário, é espalhar somente fructifera para que outros sigam tão santo exemplo. Acto modesto que a comissão leva a effeito tem o cunho da sinceridade, timbre excelso a enaltecer os seus propósitos que, para os novos, deve servir de estimulo e ensinamento.

A Homenagem de que vimos falar tem de se entender como um preito pelo que fez e pela vereda larga que ao futuro abriu nos que deixaram a escola, sem sombra de adulação, mas num pensamento de justiça e de reconhecimento também. E, reverente ante o acto de filantropia, parece-me um dever irreparável patentear aqui com entusiasmo o meu louvor sincero.

Resta-me por fim, esperar que os Govêrnos da Republica reflitam nestas lições de democracia...

A. F.

P. S. — Eu sou o desconhecido A. F. humilde colaborador daquêles modestos escritos publicados na «Velha Guarda» a que os dignissimos leitores tem feito o favor de conceder um pouquinho de interesse, que não mereço e que agradeço reconhecido. Vivamente impressionado pelas amáveis palavras com que o Povo de Guimarães me distinguio no seu definido esclarecimento, em obediência à natural homogeneidade das iniciais dum seu illustre colaborador, a minha consciencia não ficaria satisfeita sem lhe render culto mais ardente e mais convicto, com os votos mais sinceros pelas suas prosperidades, desejando que, uma acção comum e triunfante, seja em caracteres fulgentes o baluarte irredutível para a legitima garantia do seu programa e dos seus direitos conquistados.

A. F.

Promoção

Pela última ordem do Exército, foi promovido ao posto de Coronel o nosso presado amigo e bom Republicano, sr. José de Faria Blanc.

As nossas sinceras felicitações.

«A Velha Guarda», é o jornal do Povo. Lê-a e faze-a circular.

## Os meus instantâneos

IV

## «Fenómenos e variedades»

Desencadeiam-se os elementos! O vulcão de Santa Maria, em Guatimala, vomita lava; e a terra treme na Zelândia. Mais de cem sismos nas baías de Hawkes e Poverty. Os habitantes de Tiniroto batem apavorados com os calcanhares na baixa região das costas. E em Wairōa caem atrevidamente as chaminés dos prédios. Como que de caso pensado, desencadeou-se no Japão um formidável furacão que destruiu petulantemente uma boa parte do império. Pavorosos incêndios motivados pela ventaneira. Mais de 1.000 casas destruídas em Tokio. Em Yokoama mais de 50. Yemamaka queimada com mais de cem feridos. Na Florida houve um ciclone que arruinou as suas habitações e as amarras dos barcos. De Londres, recebo um rádio que diz ter sossobrado, por incêndio, o hotel da Boa Hora. Na Califórnia, choque de veículos e no Egito choque de raças. Na Índia negam-se os camponeses a pagar o imposto.

Que dirá Nemo a este formigueiro de acontecimentos? A esta sucessão de coisas naturais e artificiais que parecem agir de má fé?

Pode muito bem ser o perigo comunista aos pinotes nos vários pontos do glóbo. E Nemo deve cair a fundo sobre estes casos de alteração da ordem. Por muito menos se atirou D. Quichote aos moinhos de vento.

Ha por aí cultos noturnos. Não posso precisar se é novena ou dezena ou onzena ou duzia. E à noite em muitos templos. E até me consta que em S. Domingos há um cura que se dá ares ao estropiar a veracidade da história e da República.

Que diz muita sandice. Lembro (nem sei a quem o hei-de lembrar!) a todos... que as Leis da República proibem este género de diversão noturna.

Isto é para de dia. Porisso, cumpram-se as Leis da República.

Foi há dias inaugurado um campo de foot-ball no Largo da Condessa do Juncal. Há ali *desafios-treinos* todos os dias.

A cidade inteira regorgita de alegria em face do melhoramento. Parece que os nossos rapazes se preparam para bater o «Onze do Uruguai» nas próximas Olimpíadas.

Recomendamos a policia o delicioso espectáculo que — afóra algumas vidraças partidas e umas leves contusões — é sobremaneira interessante.

As entradas são gratuitas! Agora as saídas...

O general Pungalos foi prêso em Atenas, na Praça da Concorcía, quando esperava derrubar Venizelos e restaurar a ditadura. Com êle alguns oficiais e civis.

Os meus leitores devem lembrar-se de haver reparado, pelos jornais, nas conseqüências graves do seu governo.

Falhou o golpe. E o general Pungalos viu-se — agora mais que nunca — verdadeiramente grego.

Leio na «República» que, em Milão, pronunciou as seguintes palavras o secretário geral do Fascismo italiano:

«*Todos os povos nos invejam Mussolini. Todos o querem ter, para os governar! Mas a Itália guarda-o para si.*»

Pela parte que lhe diz respeito, agradece «A Velha Guarda» tal resolução.

E' um obséquio que muito nos

apraz registar. E longe de mim e dos meus a inveja. Que a Itália o guarde muito bem...

Até com sentinelas à vista!

O duque de Solferino, fidalgo de pose enfática e «*verve*» à antiga espanhola, referindo-se ao Novo Regime, fez este estapafúrdio preambulo:

— *Por mi grandeza, mis títulos nobiliarios y mi antiguo abolengo...* E por aí fora um chorilho de coisas. Os meus leitores estão rindo do tipo. Porém, devo observar-lhes que é também um «*gênio do grande mundo*». Não veio na última crónica por falta de espaço.

Dêstes há poucos.

Que Nemo lhe envie os seus emboras, à *su grandeza, sus títulos nobiliarios y sus antigos abolengos*...

Valha-me a paciência santa!

E é desta massa que os casmurros de «A Voz» querem fazer as élités!

Há cada maduro...

E é capaz de aderir!...

O Afonso XIII está a desfazer-se dos títulos espanhóis. Que-re todos os seus valores em moeda estrangeira. Os reaccionários de além fronteiras sofrem cada decepção!

Com isto, lhes diz o Gutierrez: — *meninos, tratai de outro ofício. Aderi enquanto é tempo...* Que a monarquia deu à tona etc.

E cá os meus compatriotas monárquicos — *que neste fraco são mais que bolchevistas na guerra às fronteiras* — dizem, de olhos postos no céu:

— Nós também aderimos!

E é verdade. Até o Soisa aderiu. Porque a cada passo diz: Governo da República atrás e Governo da República adiante.

A paz é geral.

Ricardo de S. Gil.

## Dr. Alfredo Fernandes

Por noticias recebidas, por intermédio do nosso amigo e distinto correligionário Sr. Bernardino Jordão, administrador do nosso Jornal, sabemos que aquêle também nosso amigo e valiosissimo correligionário, e antigo membro da C. P. M. do P. R. P., vai novamente emprestar a sua distinta colaboração a este nosso e seu jornal, que tanto estima. Agradecemos.

Colectividade Regionalista da Antiga Província de Entre Douro e Minho.

Temos recebido muita correspondência desta patriótica colectividade. Só hoje lhe fazemos referência, em virtude da acumulação do serviço.

Dela fazem parte figuras como Norton de Matos, Domingos Pereira, Nuno Simões etc.

Ainda há pouco tempo fomos informados, por circular, da eleição dos novos corpos gerentes. Muitas felicidades.

Que em outra oportunidade lhe faremos mais larga referência.

## «O Imparcial»

Recebemos um número especial e comemorativo do 10.º aniversário deste semanário de Alcacer do Sal. Trás profusa colaboração e apresenta-se com bello aspecto gráfico, sobretudo a primorosa capa a côres.

## Junta Médica

A fim de sujeitar-se ao exame duma Junta Médica, seguiu para o Porto o nosso amigo e correligionário, sr. Joaquim Leite Monteiro.

Felicidades.

## O eterno desleixo

Os passeios das ruas desta cidade continuam a ser transitados por criaturas que conduzem certos objectos, que podem incomodar os transeúntes. Já falamos neste assunto e já pedimos as devidas providências à autoridade, mas... tudo continua como dantes.

Ainda há dias, em um dos passeios da rua de Gil Vicente, passavam 3 mulheres com feixes de lenha à cabeça, tendo uma delas molestado um cavalheiro que passava pelo mesmo passeio, nessa ocasião. Chamando a atenção da mulherzinha para o caso, dizendo-lhe que não devia ir por ali, respondeu, em tom de *galhofeira*: isto é tudo nosso! O cavalheiro ainda procurou um policia, mas, como não se lembrou de ir à «*Pescocinha*» não encontrou nenhum. E assim continua, em desprezo absoluto, a nossa terra!

## Convalescente

Após uma doença, que por tempos o reteve no leito, entrou em franca convalescença o nosso colaborador, amigo e correligionário, sr. Alvaro d'Oliveira Guimarães (Ferra). Cumprimentos.

## Funcionário ilibado

Tendo sido ordenado um inquérito aos serviços da Inspecção da Região Escolar de Viana do Castelo, o respectivo instrutor do processo, Sr. Cap. Ernesto Sardinha, diz que considerou ilibado de culpa o inspector daquela Região, sr. Isolino Caramalho.

Este funcionário, suspenso do exercício do seu cargo em Dezembro de 1929 e Janeiro de 1930, havia regressado ao serviço, depois desta data, por proposta do mesmo Sindicante.

(Carta de Viana, de 18 de Abril em O Primeiro de Janeiro).

N. da R. — Ao Sr. Isolino Caramalho, nosso presado amigo e distinto correligionário, apresentamos felicitações pela justiça que lhe foi feita.

## Boletim Distrital

Recebemos o primeiro número deste Boletim — publicação da Junta Geral do Distrito — que se apresenta bem redigido e impresso.

E' um volumesinho de importância.

Promete tratar assiduamente, nas suas páginas, os valores do Distrito dispersos nas suas freguesias e nos seus Municípios. Agradecemos o exemplar.

## Transferência

O nosso amigo e correligionário, sr. José Gualberto Moreira Lima, 1.º official dos Correios e Telégrafos foi — não sabemos a que título — transferido para Moura. Com êle a sua querida esposa, também funcionária dos Correios.

Desconhecendo os motivos daquela ordem de serviços, lamentamos que o noso amigo fôsse para tão longe de nós. Muitas felicidades.

Gremio Livre dos Funcionários Republicanos do Norte

Delegação em Guimarães

Ha tempos foi constituída, nesta cidade, uma *Delegação* daquelle Grémio afim de ser feita a moralização dos costumes, entre o funcionalismo, e a propaganda necessária para que os seus mem-

bros estejam integrados na *República*, visto ser este o regimen que mais se coaduna com os seus princípios da Liberdade.

A comissão constituída para reger a nova Agremiação é composta pelos nossos correligionários srs. Francisco Gonçalves da Cunha, Jerônimo Ferreira Botelho e Joaquim Leite Monteiro.

Estamos informados de que a comissão trabalha activamente para fazer uma instalação da sua sede em casa própria, para o que em breve dará conhecimento aos seus associados, lançando o programa das festas, que vão ser feitas com grande brilhantismo.

## ...e Guimarães?

Conforme foi noticiado pela Imprensa, o Governo resolveu colocar em Vila Real e Tavira, respectivamente, os Regimentos n.º 13 e 4. Não invejamos os beneficios concedidos ao povo de Vila Real e Tavira, mas aproveitamos a oportunidade para lembrar ao Governo, e em especial ao Senhor Ministro da Guerra, que Guimarães também tem os seus direitos, dos quais ainda não abdicou. Quando serão, pois, satisfeitos os desejos dos Vimaraneses? Eis o que, presentemente, se nos oferece perguntar ao Governo da ditadura, chamando, mais uma vez, a sua atenção para um acto de Justiça a que a nossa Terra tem jus. Não fazemos exigências; apenas pedimos aquilo a que temos direito, e a avaliar por promessas feitas, já há muito tempo que devíamos ter sido atendidos. Esperar mais? Até quando?

## Dr. Duarte Leite

Chegou a Lisboa este ilustre Republicano e venerável Patriota, diplomata de relêvo que, no Brazil, fez a Embaixada da República Portuguesa.

Sua Ex.<sup>a</sup> fatigado porventura do seu longo e efectivo trabalho, vem à Pátria gosar alguns meses de licença.

«A Velha Guarda», envia, ao ilustre Português, os seus fervorosos cumprimentos.

## Könyöt — Mariano

Têm causado entre nós um verdadeiro sucesso as exhibições assombrosas deste maravilhoso Circo (antigo América Show).

Quer atendendo à selecção artística do seu pessoal, superiormente organizada, quer olhando mesmo à execução perfeita dos muitos e variados números dos seus formosos programas, temos de concluir que estamos em presença dum agrupamento que se impõe como o melhor do respectivo género.

Admiramos profundamente — não só o inteligente trabalho dos cavalos, as várias e repet das modalidades de equilibrio dos muitos artistas, o macaco cavaleiro ou a obra dos palhaços — o todo harmonico daquelle aglomerado de diversões.

A concorrência tem sido enorme. Casas à pinha.

Que todos aproveitem a hora.

## Teatro Gil Vicente

Na última semana, foram passados alguns films de sensação. No dia 10 do corrente foi a festa artística do sr. Castelar: uma sessão dedicada aos «*sportmen*» desta terra. Lamentamos que o público não accorresse em bicha ao quichet da bilheteira. Estava entretanto uma casa regular.

Foram bons films os da última semana.

## Câmara Municipal

## Sessão de 6 de Abril

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

## Balanco:

Ficou inteirada do balanço dado pelo respectivo tesoureiro relativo à semana finda em 2 do corrente, acusando os seguintes saldos:

Depósito na Caixa Económica Portuguesa . . . . .	265.000\$00
Existência em dinheiro no cofre . . . . .	9 834\$56
Total . . . . .	274.834\$56

Telegrama do Presidente do Ministério agradecendo as saudações.

## Ofícios:

Do Presidente da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães pedindo um subsídio destinado à propagação e combate pelas prerogativas e progressos locais.

— Da Sociedade Martins Sarmento comunicando ter-se esgotado a verba destinada à reedição do «*Vimaranis Monumenta Historica*» e pedindo o pagamento da quantia a dispender com a impressão, composição e a brochura da referida obra.

— Do Comandante da Secção da Guarda Nacional Republicana pedindo para ser fornecida uma rede aos varredores da vila de Vizela, para apanharem as galinhas.

Foram lidos outros officios de mero expediente e deferidos e indeferidos vários requerimentos. Aprovou diversos projectos.

## Deliberações:

Deliberou conceder o subsídio anual de mil escudos à Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães; mandar entregar a quantia de 1.600\$00 à Sociedade Martins Sarmento, a fim de custear a impressão, composição e brochura da «*Vimaranis Monumenta Historica*» e tomou ainda outras deliberações.

Aprovou o projecto das condições para o concurso da construção e aparelhagem do Matadouro Municipal, mandando anunciar a praça para a sua adjudicação. Autorizou pagamentos.

N. R. — Como de costume, um nosso repórter dirigiu-se à «*Domus*», na passada quinta-feira, cerca das 15 horas, a fim de tirar a nota da sessão camarária. Qual não foi o seu espanto ao constatar que a mesma tinha as suas portas encerradas.

Poder-nos-hão explicar o motivo de tal? É necessário notar que já noutra ocasião dentro das horas de serviço lhe succedeu o mesmo.

¿Haverá novos feriados sem que de tal nos tenhamos apercebido?

## Falecimentos

Nesta cidade, e após longos sofrimentos, faleceu o sr. José Ferreira Barbosa, negociante e filho do estimado farmacêutico, sr. Francisco José Barbosa.

A família em luto, apresenta-mos o cartão de pêsames.

— Também faleceu o ilustre professor do nosso Liceu, sr. Manuel Ferreira da Costa.

A sua família, colegas e alunos, os nossos sentimentos.

## A's boas donas de casa

Recomendamos a grande liquidação que está fazendo a CASA DAS LOUÇAS. Liquidação completa das louças de esmalte, alumínio e porcelana e de muitos outros artigos.

Grandes abatimentos. Preços baratos, na CASA DAS MEIAS, junto à CAMISARIA MARTINS.

# EDITAL

**DR. AMÉRIGO DE OLIVEIRA DURÃO, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal e Funcionário Recenseador do concelho de Guimarães:**

Faço saber que, de harmonia com o Decreto n.º 19:694 de 5 de Maio de 1931, as operações do Recenseamento Eleitoral neste concelho, terão início em 20 do corrente e que na Secretaria da Câmara Municipal se darão todos os esclarecimentos sobre as condições necessárias e a maneira como os cidadãos devem inscrever-se no mesmo recenseamento.

O prazo para a apresentação de documentos ao funcionário recenseador, bem como para a organização do cadastro dos eleitores pelas Juntas de Freguesia, terminará em 15 de Junho inclusivé.

Para completo conhecimento dos interessados se transcrevem os artigos 1.º, 2.º, 5.º e 7.º do referido Decreto:

## Artigo 1.º

Os vogais das Juntas de Freguesia são eleitos pelos cidadãos portugueses de um e outro sexo, com responsabilidade de chefes de família, domiciliados na freguesia há mais de seis meses.

§ 1.º — Têm responsabilidade de chefes de família para os efeitos do corpo deste artigo:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino com família constituída, se não tiverem comunhão de mesa e habitação com a família dos seus parentes até o terceiro grau da linha recta ou colateral, por consaguinidade ou afinidade;

2.º — As mulheres portuguesas, viúvas, divorciadas ou judicialmente separadas de pessoas e bens com família própria e as casadas cujos maridos estejam ausentes nas colónias ou no estrangeiro, umas e outras se não estiverem abrangidas na última parte do número anterior;

3.º — Os cidadãos do sexo masculino, maiores de 21 anos, com mesa, habitação e lar próprios.

§ 2.º — No caso da última parte do n.º 1 do parágrafo anterior consideram-se chefes para o exercício do sufrágio os que forem proprietários ou arrendatários do prédio ou parte do prédio habitado, e os mais velhos, no caso de haver comunhão na propriedade ou no arrendamento.

## Artigo 2.º

Os vogais das Câmaras Municipais são eleitos na proporção a estabelecer no Código Eleitoral:

1.º — Pelas Juntas de Freguesia do concelho;

2.º — Pelas corporações administrativas de assistência e associações de classe com mais de cinquenta associados e sede no concelho, legalmente constituídas há mais de um ano;

3.º — Pelos cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores de vinte e um anos, que por diploma de qualquer exame público provem saber ler, escrever e contar, domiciliados no concelho há mais de seis meses;

4.º — Pelos cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores de vinte e um anos, domiciliados no concelho há mais de seis meses, colectados em quantia não inferior a 100\$00, por todos, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre a aplicação de capitais;

Os cidadãos que desejem recensear-se compreendidos no n.º 3 do artigo 2.º farão o requerimento por seu próprio punho, segundo o modelo n.º 1, observando as indicações transcritas em seguida àquele modelo e juntarão ao seu requerimento o atestado de residência há mais de seis meses na freguesia por onde requeiram a inscrição, passado pelo respectivo regedor ou Junta e mais documentos que aludam às mencionadas disposições legais. Este requerimento e documentos, são todos isentos do imposto do selo e de quaisquer emolumentos ou salários, desde que sejam somente passados e aproveitados para fim eleitoral, e devem ser entregues na Secretaria da Câmara.

## MODÉLOS A QUE SE REFERE ESTE EDITAL

### MODELO N.º 1

*Ex.º Sr. Secretário Recenseador do concelho de... F..., morador no lugar de..., freguesia de..., do concelho de..., de... anos, filho de... e de..., (estado), (profissão), natural de..., nascido em... de..., tendo sido feito o seu registo de nascimento na freguesia de..., concelho de..., distrito de..., sabendo ler e escrever, como prova com este requerimento feito e assinado por seu punho, e residindo há mais de seis meses na morada acima indicada, como prova o atestado junto, requer a V. Ex.ª que, em harmonia com as disposições da lei eleitoral em vigor, o inscreva como cidadão eleitor no caderno do recenseamento da freguesia onde reside. Pede deferimento.*  
(Data e assinatura).

*(Este requerimento deve ser reconhecido pelo Presidente da Junta da Freguesia onde residir o requerente, que atestará por sua honra, que o requerimento foi feito e assinado pelo próprio na sua presença, perante duas testemunhas que também assinarão e deverão ser eleitores na respectiva freguesia. Também pode ser reconhecido por notário).*

### MODELO N.º 2

*Atesto, ou (atestamos) para fins eleitorais, que F... (nome, estado e profissão), reside neste concelho (ou bairro ou freguesia de..., há... meses).*

*(Data e assinatura ou assinaturas).*

*(Selo em branco ou reconhecimento de assinatura ou assinaturas).*

Para constar se publicou este e outros de igual teor.

Guimarães, 15 de Maio de 1931.

Américo de Oliveira Durão.

5.º — Pelos cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores de vinte e um anos, com curso secundário ou superior comprovado pelo diploma respectivo, domiciliados no concelho há mais de seis meses.

§ 1.º — Para os cidadãos portugueses que forem ou tiverem sido funcionários ou empregados do Estado ou dos corpos administrativos, cujo exercício implique as habilitações mencionadas nos n.ºs 3 e 5, o diploma a que os mesmos números se referem pode ser substituído por documento que prove que desempenham ou desempenharam os cargos respectivos.

§ 2.º — Das relações dos funcionários e empregados que as entidades mencionadas no artigo 2.º e seus parágrafos da lei n.º 941, de 14 de Fevereiro de 1920, são obrigadas a enviar ao funcionário recenseador, para inscrição nos cadernos eleitorais, deverá constar a declaração das habilitações referidas nos n.ºs 3 e 5 deste artigo, nos termos do parágrafo anterior, a qual substitui a exibição dos diplomas mencionados naqueles números.

§ 3.º — Os diplomas, certidões e públicas-formas e demais documentos necessários à inscrição dos cidadãos nos cadernos eleitorais e à instrução das reclamações serão obrigatória e gratuitamente passados, em papel sem selo, dentro dos prazos marcados no presente decreto, mediante pedido verbal dos interessados, incorrendo as entidades que demorem ou não entregarem tais documentos nas penalidades por desobediência qualificada.

## Artigo 5.º

Não têm direito a voto:

1.º — Os que receberem algum subsídio da assistência pública ou da beneficência particular, e especialmente os que estenderam a mão à caridade;

2.º — Os pronunciados por qualquer crime com trânsito em julgado;

3.º — Os interditos da administração de sua pessoa e bens, por sentença com trânsito em julgado, os falidos não reabilitados e em geral todos os que não estiverem no gozo dos seus direitos civis e políticos;

4.º — Os reconhecidos notoriamente como dementes, embora não declarados interditos por sentença.

## Artigo 7.º

7.º — Até 15 de Junho todos os cidadãos com direito de voto poderão apresentar ao funcionário recenseador requerimento em papel comum e devidamente instruído para a sua inscrição nos cadernos eleitorais.